



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JAISON JOSÉ BASSANI**

**(depoimento)**

**2012**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-277

**Entrevistado:** Jaison José Bassani

**Nascimento:** 25/09/79

**Local da entrevista:** Hotel Abbeville, São Luís - MA

**Entrevistador/a:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 25/07/2012

**Transcrição:** Carina Kaiser

**Copidesque e Pesquisa:** Ivone Job

**Total de gravação:** 1h51min

**Páginas Digitadas:** 33

**Observações:**

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da tese de Ivone Job intitulada *Gestão das revistas brasileiras da área da Educação Física e Ciências do Esporte*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em setembro de 2013.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Envolvimento do entrevistado como editor da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE); Sua trajetória na revista; Procedimentos para o desenvolvimento das tarefas da equipe editorial; Opiniões e críticas sobre o sistema de avaliação das revistas; Planejamento e políticas da revista.

Porto Alegre, 25 de julho de 2012. Entrevista com Jaison Bassani a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Como você chegou à função de editor?

J.B. – Foi um processo até chegar essa função. Em 2007 nós fomos convidados pela direção nacional do CBCE<sup>1</sup> para assumir a editoria da revista RBCE<sup>2</sup>, na ocasião o convite foi feito ao professor Alexandre Vaz<sup>3</sup>. A partir desse convite ele começou a pensar em uma equipe que pudesse atuar com ele nessa tarefa. Na ocasião ele aceitou o convite juntamente com o professor Marcos Taborda de Oliveira, hoje professor da Universidade Federal de Minas Gerais para a editoria da revista. Eu, o Felipe Quintão de Almeida, com a Michele Carreirão Gonçalves e com a Ana Cristina Rischter, assumimos a tarefa de auxílio aos editores, em uma equipe de apoio aos editores. Eu desenvolvi essa função de apoio ,que ia das tarefas mais simples e cotidianas da revista como: receber um artigo, avaliar as normas do artigo na submissão, encaminhar para pareceristas, selecionar pareceristas, montar os pareceres, encaminhar aos editores, entrar em contato com os autores. Enfim, todo o processo de operacionalização da revista até atividades como redação de projetos para obtenção de financiamento e também o processo de estruturação da plataforma SEER<sup>4</sup> que foi implantada em 2009 objetivamente. Em 2008 a gente já tinha a plataforma, mas ela de fato passou a operar com toda a sua potencia em 2009. Em 2010 então, depois termos logrado êxito na indexação da revista no SCIELO<sup>5</sup>, o professor Marcos Taborda por outros compromissos profissionais pediu para sair da editoria. Nesse momento eu já havia me instalado, estava me transferindo de Curitiba para Florianópolis e trabalhava na Universidade Federal de Santa Catarina. O professor Alexandre me convidou assim como o Felipe para que a gente integrasse, assumisse o papel de editor adjunto. Nesse momento eu sou editor ou estou editor adjunto da revista juntamente com o Felipe e o Alexandre Vaz é o editor chefe da revista.

---

<sup>1</sup> Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>2</sup> Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

<sup>3</sup> Alexandre Fernandez Vaz.

<sup>4</sup> Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas.

<sup>5</sup> Scientific Electronic Library Online.

C.M. – Quanto tempo você acha que um editor deve ficar a frente de uma revista?

J.B. – Neste momento faço dois anos e cinco meses, dois anos e quatro meses. Bom, não sei se há um coeficiente de tempo que a gente pudesse determinar como adequado, bom, razoável para ser editor de um periódico científico. Acho que é uma experiência muito importante, sobretudo para quem lida com ciência e tecnologia e para quem está no âmbito da pesquisa e atua na pós-graduação. De modo geral no Brasil em função da organização da Ciência e Tecnologia, a pesquisa de maior fôlego é desenvolvida ou é vinculada no âmbito dos programas de pós-graduação. É uma experiência fundamental que deve ser compartilhada por mais pessoas, por isso eu acho que o posto de editor de periódicos científicos deve ter uma rotatividade. O próprio CNPQ<sup>6</sup> valoriza esses processos, essas atividades de gestão de pesquisa na avaliação dos pesquisadores, da atuação dos pesquisadores para a concessão, por exemplo, de bolsas para a produtividade em pesquisa. Eu não sei se há um período, tempo que se possa determinar, eu acho que isso é variável e de acordo com as áreas pode modificar bastante. No meu caso especificamente eu ainda tenho vontade de ser editor, eu acho que isso é um bom critério [risos]. O indivíduo tem que querer continuar como editor, porque eu ainda quero continuar como editor, porque a gente ainda tem projetos para a revista RBCE. A gente ainda tem uma pauta de política editorial, de política científica para a revista e que nos motiva neste trabalho de estar à frente de um periódico científico. Eu ainda tenho vontade e desejo de seguir com a RBCE. Agora quando essa pauta, digamos assim, vencer, ou seja, quando a gente atingir minimamente essa pauta talvez seja hora de entregar o cargo a outra equipe, outras pessoas que possam colocar novos horizontes à revista.

C.M. – Quanto tempo por dia ou por semana é necessário se dedicar à RBCE?

J.B. – Oficialmente tenho uma dedicação no meu plano de trabalho, porque essa é uma questão importante, acho fundamental pontuar isso. Eu não sou editor em tempo integral, a editoria da RBCE é uma entre tantas outras atividades que eu exerço na função universitária, ou seja, como professor universitário. Entre atividades didáticas e de ensino, atividades de pesquisa e de extensão eu desenvolvo o trabalho de editor da revista RBCE.

---

<sup>6</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.

Eu organizei o meu plano de trabalho junto ao meu departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, um projeto de extensão ao qual eu tenho uma dedicação de seis horas semanais formalmente falando para a revista. Mas o tempo despendido para as atividades de editor propriamente dito, é muito superior a esse e demandaria muito mais tempo. Então, a diferença neste caso é que, aquilo que é possível do ponto de vista formal essa carga horária de dedicação, mas assim em média é preciso trabalhar todo dia na revista, pelo menos uma hora por dia a gente tem que despachar dar expediente na revista. O que significa despachar, responder e-mail de autor, encaminhar correspondência para pareceristas, para a editora que imprime e distribui a RBCE, fazer a comunicação com a direção nacional do CBCE, com leitores, responder e-mail de pessoas interessadas em submissão de trabalhos, então é no mínimo uma hora por dia. Talvez dez horas semanais, se tiver uma equipe de apoio como a RBCE. É uma equipe extremamente competente que tem um trânsito grande pela área, então, por exemplo, as secretárias da RBCE, nesse momento a Lisandra Envernize e a Ana Cristina Rischter são doutorandas. A Lisandra acaba de ingressar em um programa de pós-graduação e a Ana Cristina está concluindo seu doutorado, então, são pessoas que têm uma formação para a pesquisa, conhecem a dinâmica dos processos de produção e de publicação de trabalhos científicos e que dão suporte muito grande para a revista. Outra pessoa que trabalha na revista, embora vinculada a outro produto editorial que nós temos o “Cadernos da Formação” é a Michele Carreirão Gonçalves, que também é doutoranda. São pessoas que eu julgo com formação adequada para trabalharem na revista, que entendem a dinâmica da produção da revista e da produção científica e, portanto diminuem bastante o trabalho do editor. Mesmo assim, em função da dinâmica do trabalho delas eu preciso trabalhar para tirar dúvidas e resolver problemas que elas não se sentem à vontade para resolver ou para avaliar e tomar uma decisão editorial que faço juntamente com os colegas Felipe e Alexandre, a respeito da aprovação, rejeição ou arquivamento de uma submissão enfim, coisas dessa natureza.

C.M. – Quais os motivos das escolhas do escopo e dos objetivos da revista?

J.B. – A revista é vinculada a uma entidade científica, no caso o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. A RBCE de alguma forma atende a uma preocupação política científica do colégio. E nesse caso o colégio tem um entendimento bastante ampliado do que seja a pesquisa, do que seja o campo profissional inclusive de intervenção na Educação

Física. A revista tenta refletir essa diversidade, essa abrangência de temas de abordagem teórico-metodológicas que caracterizam o campo da Educação Física. A revista nesse momento tem um escopo bastante ampliado, permitindo, por exemplo, a submissão de trabalhos dos mais diferentes métodos, com as mais diferentes abordagens de objetos que guardam interface com o campo da Educação Física, desde a prática pedagógica até, por exemplo, pesquisa aplicada no campo das Ciências do Esporte. De modo geral a linha editorial, o escopo e o foco da revista estão associados a essa entidade, que por sua vez tem que expressar essa abrangência, essa diversidade do campo. A RBCE é um pouco um espelho do que é a área da Educação Física ou a produção de conhecimento na Educação Física.

C.M. – E como são os processos que um artigo, um texto passaria, desde que o autor submete até a publicação da revista?

J.B. – Como nós temos uma equipe relativamente grande de pessoas que atuam na revista, neste momento somos doze pessoas, entre editor gerente e bolsista de apoio que são alunos da graduação e da pós-graduação, mestrandos mais especificamente. A gente tem uma divisão de tarefas, feita em função da tentativa de aliviar a pressão sobre o trabalho dos editores, que permita que os editores possam atuar mais fortemente no âmbito da gestão política da revista, pensar metas e políticas para o desenvolvimento da revista. Mas os processos são o seguinte: assim que um artigo é submetido eu recebo e-mail comunicando a submissão, ele é avaliado no escopo e no foco. Como eu disse a RBCE tem um foco, um escopo bastante abrangente, então é difícil que um trabalho não tenha relação com o objeto ou tema da Educação Física ou das Ciências do Esporte, é difícil, mas às vezes acontece. Eu não recordo nenhum caso aqui, mas a gente avalia, sobretudo, a possível contribuição do artigo para o campo. Se o artigo tem claramente uma abordagem metodológica restrita, um caráter eminentemente descritivo nas suas análises ou uma fragilidade muito grande na análise dos dados a gente devolve ao autor, recomendando que ele refaça ou amplie a abordagem a análise dos dados, a amostra da pesquisa, as fontes, o que mais caracterizam as fontes do trabalho ou então submeta para uma outra revista que melhor se adapte a proposta daquele trabalho em específico. Uma vez aprovado no foco e no escopo o artigo passa por uma avaliação das normas. A gente tem como política encaminhar os artigos que estão com pequenos problemas de normalização aos autores. Esse trabalho é feito,

sobretudo, pelos alunos de graduação que atuam como bolsistas de extensão da revista e pelos mestrandos que colaboram de forma voluntária nessa tarefa. Desenvolvemos um *check list* com itens que o autor verifica se constam no artigo e na medida que há problemas eles marcam, assinalam os problemas e encaminham um e-mail, uma correspondência. Nós também desenvolvemos um e-mail padrão para os autores solicitando a normalização. Se o artigo está muito fora das normas, por exemplo: não usa o sistema autor-data para entrada de citação no corpo do texto; as referências não estão nas normas da ABNT; a ordem dos elementos textuais não correspondem àquela indicada nas normas da revista; não possui resumos em língua inglesa e espanhola, nesses casos, os artigos são devolvidos aos autores, a submissão é arquivada. Junto enviamos uma espécie de roteiro que desenvolvemos em função de muitos problemas com as normas e se recomenda fortemente que o artigo seja então refeito naqueles itens que são problemáticos e submetido novamente a revista uma vez que temos interesse em acolhê-lo e dar segmento ao processo de avaliação. Entendemos que a avaliação da forma, a normalização é uma etapa da avaliação e se ela não está de acordo a revista não tem como dar sequência, esse é o processo da submissão. Uma vez o artigo aprovado na forma, ou seja, se está de acordo com as normas, se seleciona o editor. Esse editor é selecionado, não em função de uma temática do artigo, mas em função de um critério que nós estabelecemos. Um critério um tanto arbitrário como quase todo critério é, mas se o artigo possui um identificador final par, ou um identificador final ímpar. Se o artigo possui um identificador final ele é designado para mim, como editor dos artigos pares. Se tiver final ímpar ele é designado ao Felipe. Nesse momento, um parênteses, nós estamos tentando implementar a ideia do editor temático. Ou seja, um editor que colabore com a editoria da revista, que atue não como editor de sessão, mas que atue muito mais na comunicação entre, com os pareceristas de determinadas áreas, por exemplo, de Biomecânica, Fisiologia do Exercício, Biodinâmica do Exercício, Comportamento e Aprendizagem Motora, então a gente ainda não definiu que áreas, nem quem são as pessoas, nem como será feito esse processo. A gente sabe que será gradativo, mas não exatamente em que sequência. Mas nós temos um editor de secção, o professor Ivan Marcelo Gomes, da Federal do Espírito Santo, que atua fundamentalmente com as resenhas. Todas as resenhas que chegam são designadas a ele, então ele atua na escolha dos pareceristas. Muitas vezes atua na própria avaliação dessas resenhas, porque a gente entende que como não é um trabalho tão extenso, ele pode ser rapidamente avaliado e julgamos um tipo de trabalho de extrema importância para a área,



porque é onde acontece o debate de ideias, de interpretações, de obras clássicas do campo ou novas obras que estão sendo lançadas. Se a gente julga um tipo de trabalho importante, então se induz a demanda para publicação desses trabalhos. Solicitamos ao Ivan que ele encomende resenhas de obras a pesquisadores, tanto consolidados quanto de informação e ele também é responsável por esse trabalho de avaliação e de decisão editorial das resenhas. Obviamente que a partir do momento que ele tem um conjunto de pareceres que podem subsidiar a decisão editorial, ele entra em contato conosco e conjuntamente decidimos se a resenha deve ser aprovada, rejeitada, ou aprovada com reformulação. Depois que o trabalho chega ao editor há o processo de seleção dos pareceristas. Esse é um trabalho bastante importante, ou seja, a escolha dos pareceristas e são as pessoas que auxiliarão na decisão editorial do artigo, se ele deve ser aprovado, reprovado ou aprovado com correções, os três tipos de possibilidades de avaliação que temos na RBCE. Selecionamos os pareceristas, encaminhamos a correspondência e eles dão o aceite, tudo isso é via sistema SEER. Eles respondem se aceitam ou não avaliar o trabalho e depois redigem os pareceres. Esses pareceres são editados no sentido de que se compõem os pareceres, e os editores decidem qual é o destino do trabalho, a partir desse subsídio dado pelos pareceristas. Os pareceristas não decidem, não tem a voz final, a última palavra, na decisão editorial do artigo cabe à editoria da revista, mas eles são fundamentais porque subsidiam a nossa decisão. Uma vez o artigo aprovado, ele passa imediatamente para a fila de edição e a partir daí ele fica aguardando o momento para entrar em fila e para ser selecionado para compor um número da revista. Ele recebe um novo tratamento, uma nova avaliação de normalização feita por uma profissional bibliotecária, uma revisão de português feita por uma pessoa com experiência na revisão embora não seja propriamente uma pessoa de letras, mas é uma pessoa que tem curso técnico de tradução e de revisão de português, tradução do espanhol e do inglês para o português. Mas o que acontece de modo geral é que praticamente não há trabalhos aprovados imediatamente. A maioria dos trabalhos ou é rejeitada, ou seja, a avaliação é contrária a sua publicação, ou ele é aprovado com restrições, com reformulações. Essa aprovação com reformulações demanda encaminhar os pareceres para os autores, solicitar reformulação, estabelecer um prazo para eles encaminharem o artigo reformulado. O artigo com reformulação tem dois destinos: ele retorna para os pareceristas para receber uma nova avaliação em função daquilo que foi solicitado e se solicita que as modificações sejam marcadas em outra cor de fonte, e que seja feita uma carta aos editores dizendo o que foi feito, em função das solicitações dos

pareceristas. Os autores podem em alguma medida não acatar sugestões, quando o parecer sugere modificações, mas quando ele exige o autor não pode simplesmente não cumprir essas exigências, mas pode dizer: “Olha, essa sugestão nos parece inadequada” ele justifica o motivo pelo qual não realizou a modificação. E aí o destino é, ou ele retorna para os pareceristas como eu dizia ou as modificações são avaliadas pela editoria com o auxílio muitas vezes, embora com pouca frequência nos últimos tempos, do comitê editorial da RBCE para ver se aquelas adequações foram de fato suficientes e atenderam as exigências, as recomendações dos pareceristas. Quando é que ele vai para o parecerista de novo? Quando o tipo de reformulação que se exige do trabalho é bastante extensa ou quando há uma restrição colocada pelo parecerista. Então o parecerista muitas vezes pode recomendar uma série de reformulações ou dizer que aquelas reformulações são obrigatórias para a possível publicação do artigo, nesse caso a gente reencaminha para o parecerista. Depois que o artigo é aprovado nessas reformulações ele vai para a fila de edição e recebe o mesmo tratamento de um artigo aprovado em absoluto, ou seja, sem nenhum tipo de reformulação. Primeiro agendamos qual é o fascículo da revista em que ele vai ser publicado. Esse agendamento é feito a partir de uma série de fatores, como por exemplo: se o autor já publicou recentemente um artigo; se é um artigo das áreas biomédicas ou das áreas socioculturais da Educação Física ; o ponto de vista geográfico também importa. Se o autor está radicado em uma Universidade ou em uma cidade do Norte, Nordeste, do Sudeste, do Sul, porque tem essa coisa da endogenia regional ou geográfica, enfim, uma série de outros elementos que vão interferir na composição desse número. Depois disso, de ter sido revisto, revisado, normalizado mais uma vez, ele é encaminhado para o processo de publicação. A revista pronta, com todos os artigos, o editorial, vai para a editora e nesse momento ele sai da plataforma, aliás, ele já saiu da plataforma para a correção de português e para a normalização. Isso já não é mais feito dentro da plataforma, mas fora, nos arquivos Word. Aí vai para a editora que coloca no formato, no layout da revista, monta o miolo da revista. Esse vem para os editores que fazem uma revisão, havendo necessidade de modificações volta para a editora que corrige aqueles pequenos problemas, muitas vezes de digitação, de fonte, coisa assim, que retorna para os editores que fazem uma nova revisão e dão ok. Enquanto isso a outra pessoa da editora faz a capa da revista e o tema da capa é muitas vezes feito em função da temática dos artigos. Na maioria das vezes é assim, se tem mais artigos, por exemplo, sobre futebol, a capa vai ser um tema sobre futebol. A capa vem para os editores, ela é aprovada, volta para a editora, que depois

manda todo o material, com o formato final, é aprovada encaminhada para a gráfica, para a impressão. Simultaneamente enviamos os arquivos para o Scielo onde também é publicada. Quebramos os arquivos em PDF e publicamos na nossa plataforma. Somos nós que fazemos todo esse processo, quer dizer, a publicação na plataforma e encaminhamento para o Scielo. Depois que a revista está impressa ela é encaminhada para a Direção Nacional do CBCE que distribui os exemplares entre os sócios do colégio. Então assim, basicamente é este o percurso. O que dessas tarefas cabe a mim? Eu faço a avaliação de escopo e foco, encaminho os artigos para os nossos estudantes que fazem a avaliação de forma. Assim que o artigo com as reformulações chega até mim eu auxílio a Ana Cristina que atua comigo e a Lisandra que atua com o Felipe, mas auxiliou a Ana Cristina na seleção dos pareceristas. Assim voltam os pareceres, os dois ou três. Se os pareceres são concordantes e são suficientes para subsidiar a nossa decisão editorial, decidimos com os dois pareceres, por exemplo, os dois pareceres recomendam a aprovação com reformulação do trabalho, ou um recomenda a aprovação com reformulação e o outro recomenda a aprovação. Se tiver pareceres discordantes, um reprova e outra aprova, mesmo que aprovado com reformulação a gente encaminha para um terceiro parecerista e a partir desses três pareceres compomos um parecer para enviar para o autor. Quando esses pareceres estão prontos são encaminhados para mim. Faço uma avaliação prévia, se não há duvida, se não há nenhum tipo de problema ou se não é uma decisão que carece de uma discussão mais ampla com o Felipe e com o Alexandre, dou ok. A Ana Cristina devolve para os autores comunicando o resultado da decisão editorial. Eu distribuo, retiro da plataforma os artigos em edição. Não sou eu que monto a revista, isso é feito pela Ana Cristina ou pela Lisandra, mas independente de quem faça, eu retiro da plataforma os artigos e encaminho para a revisora de português que depois devolve para mim que por sua vez encaminho para a avaliação de normalização, ou muitas vezes o contrário, por exemplo, primeiro vai para a normalização e depois para revisora de português. Isso depende um pouco da nossa agenda então, por exemplo, nesse momento enquanto a revisora de normalização está com a edição de dezembro, a de português está terminando a avaliação da edição de setembro, então às vezes tem essa troca. Eu que faço a revisão junto com toda a equipe, mas de modo geral, eu que faço a revisão das provas que vêm da editora, encaminho para a editora, faço a revisão das provas, a primeira revisão das provas vindo pela editora, a segunda revisão é feita pelos demais colegas, por todos na verdade, fundamentalmente pelo Felipe, Alexandre, a Lisandra e Ana Cristina. Encaminho as

sugestões de capa para aprovação junto da equipe, e o material para o Scielo. Então essas são as minhas funções. A Ana Cristina atua diretamente comigo, a Lisandra atua diretamente com o Felipe. O Felipe tem um conjunto de tarefas semelhantes, embora atue muito mais na formulação, por exemplo, de relatórios, para a direção nacional, como para essa reunião aqui na SBPC; é responsável pelo preenchimento dos formulários para a submissão da revista à outras bases indexadoras; faz proposições de possíveis bases para nós indexarmos; avalia como a gente vai fazer isso, em tempo, em que momento. Então a gente tem um conjunto de tarefas bastante distribuídas, mas é basicamente isso.

C.M. – E o Alexandre como editor chefe?

J.B. – O Alexandre como editor chefe não se envolve na dinâmica cotidiana da revista, no trabalho de modo geral, no trabalho de encaminhar correspondência para o parecerista, para um autor, de dizer para o autor como está o processo de avaliação do seu trabalho, em que pé está, se está demorando muito, se está demorando pouco, embora ele esteja inteirado o tempo inteiro desse processo. A gente o mantém informado em função dos enfoques que a gente faz internamente. O Alexandre de modo geral, é responsável por atuar junto a autores internacionais, de outros países, seja solicitando o encaminhamento de submissões de trabalhos, seja pedindo colaboração como pareceristas, ou pensando por exemplo, possíveis autores que possam contribuir com dossiês para a revista. Ele atua também junto a direção nacional do CBCE, é o porta-voz da revista junto ao CBCE. Quando há problema financeiro ele que discute com a direção nacional, que a mantém informada do andamento dos trabalhos na revista, quer dizer, é responsável muito mais por pensar a política editorial, como um todo. Ele que traça as metas para a revista, e nós vamos tentando operacionalizar essas ideias que ele tem. É consultado sobre as decisões que envolvem a necessidade de uma decisão conjunta. Então, por exemplo, tem um artigo que interessa a revista, mas os pareceres indicam, por exemplo, a reprovação, mas é possível a partir dos pareceres compor uma decisão que possa reformular o artigo, porque o artigo é importante para a revista em função dos autores que estão publicando, do tema, da abordagem, do momento histórico que vive a Educação Física, enfim, uma série de outros elementos, então ele é consultado e intermedia o processo conosco e com o autor. Ou por exemplo, tem uma sugestão ou uma crítica à revista e que a gente acha que o editor chefe deveria responder aquela correspondência em função do tom, em função da pessoa

que escreveu, então quando isso acontece pedimos para ele fazer. O Alexandre também é responsável muitas vezes pela tradução dos resumos, pela checagem dos resumos, quer dizer, ele tem uma função vamos dizer assim, menos relacionada ao cotidiano da revista, mas muito mais para pensar a revista como um todo, então essa é a função dele como editor chefe.

C.M. – Os bolsistas de extensão ficam com as normas? A Lisandra e a Ana ajudam vocês.

J.B. – Elas fazem parte do papel que caberia ao editor, qual é o papel que elas fazem? Pré-selecionam pareceristas para a gente dizer “Esses estão ok, ou atente para fulano de tal, talvez possa ser interessante”. Esses pareceristas estão pré-cadastrados na revista, e elas atuam na correspondência com os autores, checam os e-mails da RBCE, a caixa de entrada da RBCE. Por exemplo, tudo que diz respeito a revisão pelos pares vem para mim, não for uma coisa simples, se o autor está perguntando como é que está a avaliação do seu trabalho, se o autor, por exemplo, quer saber se pode submeter trabalho dessa maneira. Aconteceram dois casos que eu me lembro claramente nessa semana. Nós estamos com a submissão de artigos de revisão interrompida, já há bastante tempo, desde setembro de 2010. Então dois autores, duas pessoas do campo escreveram para a RBCE perguntando se aquela informação no site da revista ainda era válida. Ela sabe que é válida então prontamente respondeu. Mas, por exemplo, se o autor dissesse assim: “Olha eu tenho um trabalho com essas características, eu gostaria de saber se a RBCE tem interesse em um trabalho dessa natureza.” Não são elas que resolvem, elas encaminham para mim ou para o Felipe, ou para ambos. Geralmente nós dizemos: “Responda isso”. E aí elas respondem, fazem esse trabalho de revisão dos pareceres, por exemplo, arrumar redação dos pareceres. Muitas vezes o parecerista não acentua adequadamente uma palavra, houve um erro de digitação, elas corrigem, compõem os pareceres, encaminham para mim ou para o Felipe, nós avaliamos, devolvemos para elas que entram em contato com o autor. Elas também são as responsáveis por montar a revista: quando os artigos estão em edição elas fazem o agendamento dos artigos nas edições e montam a revista a partir de critérios que nós estabelecemos conjuntamente, os editores, que atendem a determinadas exigências dos indexadores e mandam um pré-sumário para a gente. Às vezes mudamos a ordem dos artigos, perguntamos por que o artigo de fulano de tal não está aqui, se não há um outro artigo desse tema, já tem dois artigos sobre aquela temática, então a gente sabe que havia

um outro trabalho, por que não está aquele trabalho aqui, e elas vão justificar: “Olha não está aqui porque o autor publicou na edição passada”. Então temos essa política, se o autor publicou, por exemplo, em uma edição de número par, ele não vai publicar imediatamente na de número ímpar, na sequência. Se publicou na ímpar, não publica na par. Ele vai precisar ter um espaço entre uma publicação e outra do mesmo autor.

C.M. – Bom, e tem o editor chefe, os adjuntos e a...

J.B. – Comissão editorial.

C.M. – Tem o Ivan...

J.B. – É, o Ivan faz parte da comissão editorial junto com outra pessoa que eu não mencionei, que é um colega da Universidade Nacional de La Plata, Eduardo Galak, da Argentina que é o, digamos assim, o nosso editor para assuntos na América Latina, então ele é responsável por selecionar pareceristas de língua espanhola na América Latina e convidar autores desses países para submeter os seus trabalhos para nós.

C.M. – E quantos bolsistas tem?

J.B. – Nesse momento a revista tem um bolsista, geralmente a gente tem dois bolsistas de graduação junto aos projetos de extensão na UFSC sobre a minha coordenação e dois mestrands voluntários, então são nesse momento três pessoas, é muito provável que agora em agosto a gente ganhe a segunda bolsa de extensão porque essa é uma característica da Universidade lá na UFSC. Pedimos três bolsas para a RBCE de graduação, de extensão, ganhamos uma e geralmente no segundo semestre eles dão uma segunda bolsa porque eles fazem um remanejamento ou vêm mais bolsas então há uma tendência, não é nada garantido.

C.M. – E a bibliotecária e a revisora de português entram nessa equipe ou são da equipe da editora?

J.B. – A editora tinha a sua equipe que fazia isso, mas não estávamos satisfeitos com o trabalho, por isso mudamos de editora, saímos da Autores Associados que é uma editora com um status, muito mais qualificada, muito mais, digamos assim especializada talvez e um status maior, e é uma editora muito maior também, mas estava muito mais cara, por uma editora menor que é a Tribo da Ilha que faz um trabalho muito bom. Mas tinha esse trabalho com as revisoras, então procuramos pessoas que pudessem fazer esse trabalho de revisão com as quais já havíamos trabalhado. A revista já havia trabalhado em outro momento com a bibliotecária Dulce Inês Leucádio, da Unicamp e ela na RBCE quando a Carmen Lúcia Soares e o Jocimar Daolio foram editores da revista. Se não me engano entre 2000 e 2002 e 2004 ou entre 2001 e 2002, eu não tenho tanta certeza, eu acho que é de 2000 a 2004. De 2001 a 2004, aí depois veio a Silvana<sup>7</sup> e o Alex<sup>8</sup> e depois nós. A revisora de português é uma pessoa do Rio Grande do Sul, Ana Lúcia Richter e faz um excelente trabalho por um preço imbatível, não há pessoa no mundo que possa fazer eu acho esse trabalho pelo valor que ela cobra. Ela está revisando o português, os resumos em inglês e espanhol e os títulos em inglês e espanhol, por um valor bem abaixo do mercado, mas porque, porque tanto a Dulce quanto a Lúcia elas não dependem desse trabalho para sobreviver. Elas fazem esse trabalho, um trabalho extra, vem no tempo do trabalho normal delas, então a Dulce atua como bibliotecária e no tempo de não trabalho dela ela faz a normalização dos artigos. A Ana Lúcia tem um outro trabalho vinculado ao setor de importação e exportação, mas como ela tem essa formação, alguém com mestrado acadêmico e tudo mais. Ela faz esse trabalho de revisão no tempo de não trabalho dela.

C.M. – Alguém recebe? Quem são os remunerados?

J.B. – Então a revista tem quem recebe pelo seu trabalho, a Ana Cristina, a Lisandra e a Michele, mas a Michele nesse momento é responsável por todo esse processo junto aos “Cadernos de Formação” da RBCE. Ela atua fundamentalmente ali, eventualmente quando a gente tem uma demanda muito grande ela colabora conosco, mas é... Então a Lisandra, a Michele, a Ana Cristina, o Ismael, o bolsista de extensão que recebe uma bolsa da universidade para atuar junto a revista. A Lisandra, a Michele e a Ana Cristina recebem via Direção Nacional do CBCE, a partir das diversas fontes de financiamento que o CBCE

---

<sup>7</sup> Silvana Vilodre Goellner. Silvana e Alex ficaram na editoria entre 2005 a 2007.

<sup>8</sup> Alex Branco Fraga.

possui e a Dulce e a Ana Lúcia recebem por trabalho, então no caso a Ana Lúcia é por página, geralmente é esse o tipo de valor que se cobra nesse campo de revisão, por páginas e a Dulce trabalha diferente, trabalha por artigo, então ela cobra um valor fechado por artigo e a Ana Lúcia por página, e a editora evidentemente pelo trabalho de editoração e de impressão da revista, *layout*, arte final essas coisas.

C.M. – Vocês têm mais submissões de artigo do que possibilidade de publicação ou a revista ainda tem que fazer muitos convites?

J.B. – Não, tem mais, tem mais. A gente trabalha com demanda induzida, quem a gente convida, pessoas que possam ter trabalhos relevantes para o campo. Seja de pessoas de outras áreas que tenham alguma interface com a Educação Física, História, Sociologia, e que tenham pesquisas que podem abordar elementos para o campo, ou porque trabalha, por exemplo, com Sociologia do Esporte, História do Esporte, ou Fisiologia do Esporte, conversar com pessoas fora do campo da Educação Física, que não são da Educação Física e que não estão na Educação Física. Os artigos tem revisão, ou seja, pessoas para avaliar um pouco as produções da área...

C.M. – Quantos são mais ou menos por número?

J.B. – A gente não tem uma, não trabalha, digamos assim, estabelecendo uma cota por número, a gente trabalha em função um pouco da demanda que a gente coloca e essas metas de política editorial que a gente traz. Autores do exterior é demanda induzida, então, por exemplo, a gente pede para autores na Alemanha, na França, submeter em trabalhos, outros tantos autores desses países nos consultam e enviam espontaneamente os trabalhos, na América Latina, na Colômbia, no Chile, na Argentina, são esses países com os quais a gente tem trabalhado muito mais, Colômbia e Argentina mais. Mas a gente tem nesse momento uma submissão maior de trabalhos do que o espaço de publicação, então mais ou menos, um número aproximado são 200 submissões por ano e são 15 artigos originais por número, mais um artigo de revisão mais uma resenha, então são 17 trabalhos por número, o que dá um total de 68 trabalhos. Então é um contingente maior que não é publicado.



C.M. – Quais as vantagens e desvantagens do formato eletrônico, da plataforma eletrônica?

J.B. – Bom, eu acho isso, a vantagem do formato eletrônico em relação ao formato papel é a maior rapidez na disponibilização dos trabalhos. Por exemplo, só para você ter uma ideia, nesse momento a edição em formato eletrônico já está no ar enquanto a edição em papel está na gráfica e ela vai levar mais uns vinte dias para ficar pronta e mais uns vinte dias para começar o processo de distribuição. Enquanto isso os artigos já estão disponíveis para a área da Educação Física e para outros autores interessados. Baixo custo, não precisa imprimir, então não tem esse gasto com papel, computação, é politicamente correto no sentido em que usa menos recursos naturais, menos energia, tem um apelo de preservação ao meio ambiente, e o que eu acho mais importante é uma maior possibilidade de circulação desse material. Você não precisa, por exemplo, mandar pelo correio para um autor na Itália, nos Estados Unidos, na França, ele pode imediatamente acessar o artigo online, tem uma maior circulação e maior interação. Por exemplo, você não pode fazer uma busca por palavras-chave no papel, você até pode, obviamente, mas vai ter que catar as palavras-chave que quiser. O formato eletrônico tem essa possibilidade, tem maior agilidade para lidar com a informação, e portanto, para localização e para a disponibilização daquele trabalho, então o formato eletrônico só tem vantagens tendencialmente a RBCE sairá do papel. Quer dizer, pode ser para breve, muito breve ou para, uma tarefa para os próximos. Tendencialmente todas as revistas sairão do papel, eu acho.

C.M. – A revista tem o DOI?

J.B. – Não, não tem DOI nesse momento.

C.M. – Por quê?

J.B. – Por uma questão fundamentalmente financeira, é um serviço pago que demanda uma contratação desse serviço, não é muito caro, mas a gente tem outras dificuldades orçamentais que são mais prementes. Como lidamos com uma direção científica, uma direção nacional, que tem fontes diversificadas e não constantes de financiamento e, portanto tem uma oscilação no seu orçamento anual, seria muito delicado nesse momento

comprometer anualmente uma parte do orçamento para esse serviço. Eu acho que muito, muito em breve, em função das metas que nós temos para a revista nós necessitaremos desse serviço e precisaremos adquiri-lo.

C.M. – Como é financiada a revista, quais as fontes?

J.B. – A revista fundamentalmente é financiada, mas a editoria tem independência política e administrativa em relação a Direção Nacional. Embora a gente preste contas, estabelecemos metas conjuntamente, mas a editoria de modo geral tem uma independência em relação a DN e o seu diretor científico. Nesse momento eu e o Alexandre, embora sejamos muito parceiros, a gente tem essa relação de muita interação, do trabalho conjunto mesmo com os colegas da DN, sobretudo, com os seus editores científicos. A Iara Carvalho nas gestões anteriores e nesse momento já duas gestões do Alexandre Vaz. Mas a RBCE não tem independência financeira, é o colégio que disponibiliza os recursos para a RBCE, e essa disponibilidade de recurso está associada às formas de financiamentos que o CBCE tem. Anuidade dos seus sócios, convênio com o Ministério do Esporte, mas fundamentalmente nesse momento a RBCE tem o financiamento do CNPQ. Ele é insuficiente para as edições impressas por exemplo, para os quatro número por ano, então o financiamento tem vigência de um ano mas ele não cumpre a demanda orçamentária que a RBCE tem, só com a editora e com a impressão com a gráfica. Sem contar o trabalho dos bolsistas, os revisores e das secretárias e do Ministério do Esporte. O Ministério do Esporte tem sido um parceiro da revista há algum tempo. Nesse momento não há diretamente um vínculo entre um projeto do Ministério e a RBCE, como havia há pouco tempo atrás, mas o CBCE tem vínculos e projetos com o Ministério e a partir desses projetos ele disponibiliza parte desses recursos para cumprir as suas funções e aí pode destinar o dinheiro dos sócios, por exemplo, para a revista. Então quem financia a revista é o Colégio a partir das suas fontes de financiamento, o Ministério do Esporte e o CNPQ por meio de edital específico de apoio a periódicos.

C.M. – No período que você está como editor, a revista chegou a suspender a submissão?

J.B. – Houve um momento em que a gente mudou a forma de submissão, por exemplo, por e-mail, quer dizer, primeiro era por correio, a gente suspendeu essa forma, só por e-mail.

Depois, quando a plataforma entrou no ar, não houve a suspensão completa da submissão, , nem quando a gente entrou no Scielo houve a suspensão. Agora para algumas seções específicas como eu lhe falava anteriormente, da seção de artigos de revisão, essa está suspensa desde setembro de 2010. Se me permite, só um parênteses para não deixar passar dois elementos importantes: outra forma de financiamento que a revista tem é por meio das Universidades, então a gente tem apoio da Universidade Federal do Espírito Santo e da Universidade Federal de Santa Catarina e da Escola de Educação Física da UFRGS. Por exemplo, a ESEF<sup>9</sup> entra com o correio, com correspondência para encaminhar, por exemplo, as revistas para os associados. A UFSC com a bolsa de extensão e com as minhas horas de extensão para a revista. Do Alexandre a mesma coisa, as horas de extensão dele. E do Felipe no caso da UFSC, justamente com as horas de extensão para as atividades na revista e lá não tem nenhum financiamento de bolsa. Essas também são fontes importantes, então a Pró Reitoria de Extensão da UFSC por meio dos projetos de extensão e da nossa carga horária, também contribui financeiramente com a revista. Não diretamente, mas com bolsa e as nossas horas de atividade, o salário, eles pagam o nosso salário para a revista.

C.M. – Há algum procedimento padrão para atender os autores ou leitores da revista?

J.B. – Tem. Procedimento padrão que são as ferramentas que o próprio sistema SEER disponibiliza, os e-mails padrões do sistema: por exemplo, o convite para ser avaliador de um determinado artigo; revisor de um determinado artigo; a recomendação daquele artigo para outros leitores, ou a comunicação de uma nova edição que é publicada. A gente pode simplesmente clicar lá em um botãozinho que automaticamente gera um e-mail que por sua vez depois pode ser enviado para vários usuários simultaneamente, Esses procedimentos padrões dados pelas próprias ferramentas do SEER e outros que nós já desenvolvemos, como por exemplo: tutorial para submissão, tutorial para autor, para submeter novas versões dos artigos revisados seja por necessidade de adequação as normas seja porque o artigo foi aprovado com reformulação; *check-lists* que eu falava antes, que não são exatamente tutoriais, mas são um passo-a-passo de como o autor deve fazer para perceber erros nas normas; formulário de avaliação para os pareceristas ou um roteiro de avaliação para os pareceristas; carta de comunicação de decisão editorial; ofícios...Esse tipo de comunicação padrão a revista tem, e outros fomos nós basicamente que fizemos. Ou seja,

---

<sup>9</sup> Escola de Educação Física.

desde que nós assumimos temos implantado na revista, reformulamos, reeditamos os e-mails padrões, outros a gente manteve exatamente da mesma maneira e outros a gente criou

C.M. – E quando um autor ou leitor manda uma opinião sobre a revista ou crítica, quem recebe, quem lê e qual o encaminhamento?

J.B. – Sempre que há uma reclamação, uma sugestão ou uma crítica, bem vamos diferenciar aqui reclamação de crítica. Reclamação, por exemplo, tudo bem, a linha é tênue o que é uma crítica o que é uma reclamação, mas enfim, sempre que há esse tipo de correspondência quem responde são os editores e quando há uma sugestão de um autor do campo, ou de fora do campo e que julgamos relevante, importante e que gostaríamos de dar uma resposta a altura, ela é redigida por nós três. Pelo Alexandre, pelo Felipe e por mim, mas de modo geral ou é o Alexandre quem responde ou sou eu ou é o Felipe. Ou no caso nós três, quando é um assunto delicado, quando é um problema que merece atenção, quando é uma ponderação pertinente ou quando é uma reclamação bastante, num tom bastante duro que precisa ser respondido não com dureza, mas com atenção às reclamações ou ponderações dos autores, avaliadores e leitores.

C.M. – Sobre os artigos: os autores precisam de alguma formação mínima para publicar na revista?

J.B. – A gente sofreu muito com isso viu? No início. Muito mesmo, porque de modo geral os autores têm, por conta um pouco da dinâmica de publicação na área, não só na área mas em outras áreas há uma pressão grande por publicação de trabalhos. Não há também uma produção intensa de trabalhos e as revistas como não tem uma uniformização das suas normas nem na área da Educação Física assim, a gente trabalha com uma norma a Motriz com outra, a Movimento com outra. É completamente diferente. Às vezes o autor simplesmente pega o artigo submetido originalmente em uma outra revista, encaminha para nós sem o tratamento devido na normalização. Tem problemas com resumos, os resumos mal feitos, títulos e subtítulos mal elaborados, seções dos artigos mal distribuídas. Assim, parece um pouco, digamos paternalista isso, dizer como os autores devem submeter os seus trabalhos na revista. Do ponto de vista do conteúdo eu diria que não, mas do ponto

de vista da forma sim. Da forma, pensando que forma e conteúdo tem alguma relação também, assim, e não é que deveriam ter uma formação específica para isso, mas talvez os autores precisassem ficar mais atentos a isso, e uma maneira talvez de fazer isso seria promovendo *workshops*, cursos, no âmbito dos eventos na área, para os autores interessados em publicar na revista.

C.M. – E formação em relação a doutor, mestre, graduação, tem algum grau mínimo?

J.B. – A revista não estabelece de modo geral, barreiras para a submissão de trabalhos. É que assim, dificilmente hoje um trabalho vai ser submetido sem que ele tenha coautoria de uma pessoa com um grau de formação superior, maior, mais elevado, sei lá, com mestrado, ou mestrando ou doutorando ou doutorado. Dificilmente apenas um aluno de graduação submete o seu trabalho. Às vezes acontece, um mestrando submeter um trabalho, apenas o mestrando, mas dificilmente isso acontece, geralmente o mestrando com o seu orientador doutor. O aluno de Iniciação Científica da graduação, TCC<sup>10</sup> e o seu orientador, mestre, ou doutor, a gente não tem uma exigência, mas essa é uma questão que precisaria discutir, porque é um elemento que empaca na avaliação do periódico, quem publica nele. Quanto mais gabaritados os autores, mais reconhecidamente importantes no campo melhor para a revista. Por exemplo, por meio das agências de fomentos, pesquisadores com projetos financiados, ou pesquisadores com bolsa de pesquisa melhor para a revista. Pesquisadores internacionais renomados, melhor para a revista, mas a gente não estabelece trava, por exemplo, aluno de graduação não pode publicar, não pode assinar artigo na RBCE. Não, esse tipo de procedimento não, embora talvez a gente precisasse discutir melhor esse item, coisas que a gente não fez, até porque a gente entende como é que tem sido estruturada a dinâmica de produção que é muito mais uma dinâmica de produção colaborativa no âmbito dos grupos de pesquisa, no âmbito dos laboratórios de pesquisa.

C.M. – Como é o processo de avaliação da revista no Qualis e nas indexações?

J.B. – A revista nesse momento tem a avaliação B1 no Qualis Capes. Em 2010 e 2012, essa avaliação é feita fundamentalmente em função das bases indexadoras da revista, então as comissões que avaliam os periódicos da área de modo geral tomam esse parâmetro como

medida par qualificar os periódicos. Por exemplo, indexação junto ao Lilacs<sup>11</sup>, corresponde ao estrato B2; indexação junto ao Scielo corresponde ao estrato B1 e indexação por exemplo, no ISI<sup>12</sup> corresponde ao estrato A2, que é o caso da Movimento, revista na qual a Ivone atua. Nesse momento, a revista está indexada nesses dois importantes indexadores que eu falei anteriormente, o Lilacs e o Scielo. Submetemos à outras bases indexadoras, nessa semana nós concluiremos a submissão junto a Redalyc<sup>13</sup>. Já submetemos a revista à base Scopus e vamos submeter ainda este ano ao ISI. Agora o desfecho dessas avaliações, a gente não sabe ainda, não tem previsão de como é que vai ser, e de como será.

C.M. – Vocês já fizeram alguma solicitação de indexação que foi negada?

J.B. – A Scielo nos negou a indexação à revista num primeiro momento, tivemos uma indexação recusada. Recentemente, uma base que eu não me lembro exatamente qual é, recusou, mas o motivo fundamentalmente é que a revista publica poucos trabalhos em língua inglesa, era esse o fator desabonador para a indexação da revista nessa base.

C.M. – E vocês entraram com recurso?

J.B. – Fizemos um recurso na Scielo na época, mas não, a resposta foi negativo ao recurso, No outro caso também fizemos recurso embora ele fosse quase que irrefutável porque de fato a gente publica poucos artigos em língua inglesa. Tentamos argumentar que mesmo assim a revista tinha penetração exterior, nos países de língua portuguesa e nas línguas latinas, mas isso não veio a resposta ainda, mas certamente é difícil, é um critério objetivo que a RBCE pouco cumpre nesse caso.

C.M. – Para o Scielo vocês mandaram de novo?

J.B. – Mandamos de novo e na segunda vez a gente logrou eles.

---

<sup>10</sup> Trabalho de Conclusão de Curso.

<sup>11</sup> Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde.

<sup>12</sup> International Scientific Information, atual Thomson Reuters.

<sup>13</sup> Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal

C.M. – E há alguma forma utilizada pela revista para aumentar o índice de citação dos seus artigos e autores?

J.B. – A gente recomenda que os avaliadores verifiquem junto aos trabalhos se há artigos sobre aquela temática na revista que poderiam ou que deveriam ser citados no artigo.

C.M. – Qual a sua opinião sobre os critérios de avaliação do Qualis CAPES?

J.B. – Uma coisa que eu acho importante dizer é que a Capes não é uma entidade abstrata, uma entidade fora daquilo que é a própria área. A Capes somos nós, não eu especificamente, mas os colegas que nos representam junto as comissões de avaliação, por exemplo, que são escolhidos pela área, então a Capes não é uma abstração, somos nós. Então as críticas que podem ser feitas me parece que devem ser destinadas aos critérios, muitas vezes que nós mesmos estabelecemos para os nossos periódicos. Eu acho que a Educação Física de um modo geral tem um critério bastante coerente sobre um ponto de vista, mas intransigente em vários aspectos. Acho, por exemplo, um equívoco da Educação Física não reconhecer a qualidade de outras áreas de conhecimento, por exemplo. O Qualis tem outras áreas do conhecimento, uma vez que as outras áreas geralmente reconhecem o Qualis que a Educação Física faz, os seus periódicos. Então esse é um equívoco em minha opinião da área como autor. Outro equívoco é submeter os periódicos às mesmas regras. Porque é um equívoco? Porque os periódicos lidam justamente com a diversidade da área e não há uma única maneira de fazer pesquisa em Educação Física e, portanto não há uma única maneira de publicizar as pesquisas em Educação Física. Então essa diversidade de formato ou de formas de fazer pesquisas deveria ser mais bem avaliada, eu acho. O que implica também, em compreender melhor as características da produção científica na área. Por exemplo, simplesmente dizer que um artigo é da Educação Física porque o seu autor atua em um programa de pós-graduação em Educação Física ou tem formação em Educação Física ou porque aparece a palavra Educação Física no título, nas palavras-chave do resumo, me parece um tanto quanto obtuso ter um critério como esse. Não me parece adequado. Então por um lado eu acho que a gente tem avançado no sistema de avaliação dos periódicos, mas há muitos problemas sobre os quais há falsas discussões, ou seja, a área não incorpora essas discussões na avaliação dos periódicos. E outra coisa que eu acho que é importante é que a área tem que entender que os periódicos

são fundamentais para a consolidação da própria área, então criar um critério abstrato de avaliação muitas vezes em função de um outro parâmetro, de uma outra área muito mais desenvolvida, muito mais consolidada do que a Educação Física, também me parece problemático. A gente deveria avaliar melhor o que nós fazemos e não o que nós deveríamos fazer em função, por exemplo, do que a medicina, do que as áreas mais *hard*, mais duras fazem, porque, justamente há várias formas de fazer pesquisa em Educação Física que não só nas áreas biomédicas.

C.M. – E sobre os critérios dos indexadores?

J.B. – Eles me parecem, na maioria das vezes corretos, porque tem a ver muitas vezes com isso, os indexadores são uma espécie de padrão de qualidade das revistas, eles avaliam, portanto a presença desses elementos: artigos de língua estrangeira, de quem publica na revista, das citações que a revista recebe ou tem. Agora também seria preciso avaliar melhor, discutir isso, essa coisa que a área não é. Por exemplo, uma pesquisa em história da Educação Física ou história do esporte, vai lidar com documentos, com fontes muitas vezes, ou com uma literatura, com referenciais que não são necessariamente publicados hoje, imediatamente. Ou por exemplo, se a gente trabalha no campo da sociologia, a gente trabalha com abordagens clássicas da sociologia, autores clássicos que publicaram seus trabalhos no início do século XX. Isso não significa que eles não sejam contemporâneos, mas há uma depreciação em função, por exemplo, da data da publicação de livro e da citação de livro em função da publicação em periódicos, supondo que há uma renovação automática do conhecimento porque foi publicado mais recentemente. Eu não sei, você pode dizer, por exemplo, que Max Weber está superado no campo das sociologias, as abordagens sociológicas foram superadas pelas contemporâneas? Não. Ou que a sociologia do esporte que se faz hoje é melhor do que a sociologia do esporte feita pelo Norbert Elias que publicou seus trabalhos nos anos sessenta, setenta, originalmente na língua inglesa. Não me parece totalmente verdadeiro isso, alguns critérios me parecem muito convenientes na lógica de circulação do conhecimento científico, no âmbito das ciências biomédicas e aí eu entendo que é de fato isso mesmo. Faz todo o sentido uma pesquisa aplicada, por exemplo, tecnologia, tem essa rotatividade, tem essa maior circulação do conhecimento, e essa maior renovação. Agora no âmbito das teorias clássicas, por exemplo, no campo da história, da sociologia, da filosofia com quem a Educação Física agora interfaz, com a



antropologia, com as ciências humanas em geral, eu acho que seria preciso avaliar melhor esses elementos.

C.M. – Bom, agora sobre os pareceristas, há alguma forma de reconhecimento do trabalho dos pareceristas?

J.B. – De nossa parte da revista, olha, a gente, como se diz, meu Deus, fugiu a palavra, produz declarações para os pareceristas na medida em que eles nos solicitam, comprovando que eles atuam como pareceristas *Ad hoc* da revista. A gente já fez isso em outros volumes de publicar, não no número, mas no volume os pareceristas que colaboraram. Isso é uma coisa importante. A Educação Física é uma área pequena, então, por exemplo, assim, se tem um trabalho de lazer no número e tem autores do lazer, da Educação Física naquele número, é facilmente identificado porque aqueles pareceristas avaliaram aquele trabalho. Então a gente já fez isso, de publicar no volume os pareceristas que colaboraram conosco, mas esse é um trabalho de ficar catando quem deu parecer para qual trabalho, muito exaustivo. Então o que a gente faz é evidentemente reconhecer o trabalho dos pareceristas e a gente gostaria de discutir junto aos programas de pós-graduação, junto a Capes, uma forma de reconhecer o trabalho do parecerista, ou seja, que dentro da lógica da produção da pesquisa científica, o trabalho de gestão de pesquisa científica fosse mais bem avaliado. Gestão inclui também em minha opinião atuar como colaborador, como parecerista permanente ou *ad hoc* de periódicos científicos, reconhecer esse trabalho, pontuar esse trabalho, seria fundamental porque a área depende disso. A área depende das suas publicações, mas quem avalia as publicações da área somos nós mesmos, e esse trabalho é desvalorizado. Então eu prefiro escrever a avaliar um trabalho e isso implica em que há um número reduzido de pareceristas que colaboram efetivamente gerando um maior tempo do processo de avaliação e portanto para a tomada de uma decisão editorial aumentando o tempo entre a submissão e a publicação de um artigo da área como um todo, não só da RBCE, esse é um problema da área como um todo.

C.M. – E como são escolhidos os pareceristas?

J.B. – Em função da sua qualificação, a RBCE só trabalha com doutores como pareceristas, e *ad hoc*, cadastrados na plataforma. A RBCE, por exemplo, convida as pessoas, os autores

para serem pareceristas, preenche o cadastro deles na plataforma ou convida-os a que eles preencham cadastro na plataforma e em função da sua qualificação acadêmica, da sua experiência em determinadas áreas do conhecimento e das abordagens, das temáticas dos trabalhos. E para cada artigo é escolhido em função de vários critérios, por exemplo: o fato do autor e do trabalho do autor serem da mesma instituição ou não, daí a gente evita isso evidentemente, para não ter possíveis conflitos de interesse na avaliação e para garantir o máximo de anonimato possível, do processo de avaliação.

C.M. – Os pareceristas recebem um modelo, formulário para preencher?

J.B. – A gente trabalha com duas formas de avaliação, um roteiro e um formulário e ou um formulário. O conteúdo é o mesmo, só que a diferença é que o roteiro ele segue sugestão e o formulário ele é, são aqueles campos que obrigatoriamente o autor tem que preencher. Mas a gente está aperfeiçoando esse formulário porque ele tem problemas, como todo formulário ele permite maior agilidade, mas ele também tem pouco, há coisas que ele não contempla, às vezes. Então é preciso, e também tem um pouco isso, cada avaliador tem uma dinâmica de ler um trabalho, em função inclusive das características da temática do trabalho, da abordagem metodológica do trabalho. Ler um trabalho de pesquisa quantitativa e ler um trabalho de pesquisa qualitativa é completamente diferente, na minha opinião. Claro, se você pensar a objetividade, rigorosidade, relação com as referências atuais do campo, coisa parecida, é basicamente o mesmo, mas as questões metodológicas são completamente diferentes. As questões com relação aos procedimentos éticos, por exemplo, uma pesquisa que tem testes de esforço máximo, e uma que faz entrevista como essa que eu estou dando, é completamente diferente embora a ética seja um elemento importante. Para balizar a ética na pesquisa, a avaliação, se houve um cuidado com os procedimentos éticos. Mas o tipo de cuidado com a pesquisa, por exemplo, em que há um esforço físico que pode provocar um dano físico em uma pessoa e uma entrevista, é diferente obviamente. Então esse trabalho foi nesses dois formatos, ou como é que a gente seleciona que formatos usar? Às vezes é um pouco aleatório, porque como o conteúdo é o mesmo, o fato de [TRECHO INAUDÍVEL] que não garante exatamente a maior qualidade da avaliação e as vezes o próprio parecerista solicita: olha eu gostaria de fazer no formulário que eu me sinto mais confortável, ou eu não gostaria de fazer no formulário, queria fazer em um texto corrido como eu fazia antigamente, considerando aqueles pontos

recomendados pela revista mas em um texto. Então isso também a gente faz em função da preferência do parecerista.

C.M. – E o parecerista ele fica sabendo do resultado final do artigo? Se o artigo foi aceito ou rejeitado?

J.B. – Ele fica sabendo pela plataforma, a plataforma permite a visualização da decisão editorial final, a gente de modo geral não tem a prática de comunicar qual é, por exemplo, quais outros pareceres o trabalho recebeu, por exemplo, e como e, portanto qual foi a decisão editorial final. Evidentemente que às vezes os próprios pareceristas nos perguntam, mas se aquele trabalho não foi recomendado para aprovação, o que houve? Bom aí a gente explica para ele “Olha, houve os pareceres divergentes, que apontaram problemas, e a gente entendeu que eram passíveis de correção ou não eram, digamos assim, pareceres que pudessem desabonar o trabalho, eram restrições ou recomendações importantes, a gente incorporou parte dos problemas apontados por você, por exemplo, na decisão editorial, pediu reformulação enfim e fez”. Mas a gente não faz isso, por exemplo, e eu já recebi isso de revistas com as quais eu atuo, de mandar para o autor a cópia carbono, como a gente tem lá no SEER. A gente não faz, de modo geral não faz, justamente para evitar esses melindres com os pareceristas e porque a gente acha de fato que o parecerista é uma figura importantíssima no processo de avaliação, mas não é dele a palavra final sobre o artigo. Isso cabe a editoria da revista, inclusive a gente recomenda isso ao parecerista, que ele não coloque no texto do parecer que o autor tem acesso, qual é a decisão que ele indica para o trabalho, eles recomendam o resultado no desfecho do parecer. Mas, a decisão final é comunicada apenas ao editor que ele então, a partir da redação dos pareceres, vai decidir, vai ter subsídios para decidir qual é o resultado da avaliação. Outra coisa que a gente faz é digamos assim, dizer que a função do orientador, do avaliador é qualificar as produções e não simplesmente reprovar ou aprovar um artigo. Por isso, a gente tem não é que a gente tem baixo número de reprovação no RBCE, mas não tem nenhum artigo que é aprovado [TRECHO INAUDÍVEL]. O artigo está perfeito. Praticamente não há essa modalidade de decisão editorial, porque, porque a gente solicita isso, que o parecerista contribua para o desenvolvimento do trabalho, que o parecer seja inclusive pedagógico em alguns momentos, sobretudo quando o trabalho não tem condições de ser publicado, que seja apontado para o autor os problemas, e como esses problemas poderiam ser contornados,

por exemplo. A gente pede isso, nem sempre acontece, mas a gente indica isso para o parecerista.

C.M. – Está acabando. Como vocês gerenciam assim, além dos pareceres, vocês utilizam algum outro critério para avaliação?

J.B. – Utilizamos como eu disse a reunião com os editores, a editoria da revista e uma coisa que a gente gostaria de fazer mais, faz pouco, é a atuação do comitê editorial, do conselho editorial da revista, quer dizer, esse seria o papel fundamental do conselho, me parece, colaborar conosco na avaliação dos trabalhos para além dos pareceres [PALAVRA INAUDÍVEL] dos revisores, *ad hoc* da revista, mas a gente tem uma dificuldade de comunicação com [PALAVRA INAUDÍVEL]. Até por conta de uma certa cultura que se constituiu na área da Educação Física que é essa coisa, eu estou no conselho editorial, mas é como se eu tivesse só emprestado meu nome, eu não quero tomar parte nesse trabalho.

C.M. – Aproveitando. Como é escolhido o Conselho Editorial?

J.B. – A revista já tinha um Conselho Editorial quando nós assumimos a editoria, esse Conselho foi ampliado, mas nenhum nome foi suprimido do conselho do comitê editorial. A gente tem dentro dessas metas que nós passamos para a revista, a intenção de reformular o conselho editorial da revista e o critério é fundamentalmente a maior, o saque que esses pesquisadores têm na área, a importância que eles representam para área, então a gente ampliou, por exemplo, o número de bolsistas por atividade em Educação Física, que atuam como no Conselho ou no Comitê editorial da revista, e convidou também professor ou um colega da Universidade Federal de La Plata, na Argentina, justamente pela expressão que ele tem nesse país como pesquisador na Educação Física, que é o professor [PALAVRA INAUDÍVEL] Então esse é o critério, a expressão acadêmica, científica que essas pessoas têm na área, na subárea de conhecimento dentro da Educação Física, tanto fora do país, quanto no Brasil.

C.M. – O período que vocês são da editoria, conseguiram detectar algum problema ético, plágio, fraude, como não colocar o nome de algum autor...

J.B. – Foram detectados vários problemas dessa ordem, por exemplo, há vários problemas de trabalhos que são publicados em outros periódicos e são enviados para a publicação na RBCE. Ou que foram publicados de uma outra maneira, de uma outra forma, e estão na RBCE, ou foram submetidos para a RBCE. Foi detectado um problema com plágio em outra revista, que publicou um artigo de autores diferentes, com conteúdo idêntico ao que estava na RBCE e a gente comunicou essa outra revista. Encaminhamos uma carta à essa revista porque os autores entraram em contato conosco e disseram “Ó, está acontecendo algum problema”. Então a gente fez isso, a gente detectou também vários pequenos problemas, por exemplo, de trabalhos que não são devidamente referenciados, então os avaliadores dizem: “Olha, essa redação está muito próxima a um trabalho ou uma dissertação, uma tese defendida em tal programa e que talvez precisasse ser referenciada.” Um problema que a gente tem constatado nesse momento e que temos tratado, tentado traçar estratégias para lidar é o autoplágio, quando os autores reproduzem conteúdo de trabalhos anteriores sem novos dados, sem novas análises. Mas isso ainda a gente detectou nenhum problema específico, a gente sabe que há, isso, de reproduzir partes de trabalhos publicados, no mesmo autor, o autor se autorreproduz, digamos assim. Ele se autoplágia, por isso que se chama autoplágio. Mas a gente não identificou nenhum problema por supressão de autor não. A RBCE toma cuidados com isso, e recomenda que só assine o trabalho pessoas que participaram efetivamente da sua redação. Por exemplo, a RBCE não entende que o fato de participar da coleta de dados, ou da revisão do artigo ou da sua redação, implique em autoria. Quer dizer, a autoria é daqueles autores que participaram efetivamente de todos os processos da pesquisa e inclusive da redação do trabalho, ou só de uma parte da coleta dos dados. A RBCE também exige, em trabalhos com mais de três autores, que seja especificado um comentário para o editor, na submissão, o que cada um fez no trabalho, justamente para a gente poder se precaver desses possíveis problemas. A RBCE teve um caso recentemente, em que o trabalho foi acusado de reproduzir um outro estudo sem referenciar aquele outro estudo e um dos autores disse “Bom, mas isso é problema dos autores principais, eu sou o terceiro autor do trabalho, eu não sou o primeiro autor do trabalho, então, espera lá, mas você assinou o trabalho, logo, você tem responsabilidades sobre aquilo que está sendo publicado aqui, não é responsabilidade do primeiro autor. Então para evitar esse tipo de problema a gente solicita que haja um discriminação do papel que cada um teve no trabalho.

C.M. – De onde vocês recebem mais trabalhos aqui no país?

J.B. – Da região Sul e Sudeste.

C.M. – E fora do país, de quais países?

J.B. – Argentina é o país que mais colabora conosco, Portugal, Espanha, esses três países há pesquisadores que submetem com regularidade trabalhos para nós. Recebemos da Colômbia, da França, Itália, da Alemanha, mas é mais esporadicamente. Muitas vezes inclusive, demandados pela revista, mas mesmo quando há essa demanda, o procedimento é idêntico àquele que eu descrevi anteriormente.

C.M. – Há alguma restrição de número de artigos enviados pelo autor, ou publicados?

J.B. – Esse é o problema que a gente está enfrentando nesse momento. A gente não decidiu ainda como é que vai elaborar isso, por exemplo, se a gente vai exigir um período de carência para autores que publicam, para a submissão de novos artigos. Porque como eu disse, é uma dinâmica compartilhada, de produção e da redação dos trabalhos, de colaboração. Muitas vezes eu redigi um artigo do qual você participa, o fulano redigiu um artigo do qual você participa e submetem esses artigos, mas você é autor do artigo, dos dois. E você já publicou um agora recentemente, então significa que o seu artigo vai demorar mais para ser publicado, se ele demora mais para ser publicado, entre a submissão e a publicação é o tempo que os indexadores avaliam para qualificar as revistas, então se eu tenho que deixar o seu artigo mais tempo fora da publicação, ou aguardar um período maior e ele já foi submetido, o periódico perde com isso, perde em avaliação em tese. Por quê? Porque como eu disse, a RBCE exige um intervalo de um número para a publicação do artigo de um mesmo autor, independente se ele é o primeiro ou décimo segundo autor, terceiro autor, a gente estabelece esse intervalo. Então se o sujeito tem, se o autor tem muitos trabalhos aprovados conosco, e esses trabalhos precisam ficar aguardando tempo para ser publicados, isso é ruim para a revista, então a gente não decidiu ainda, não decidiu ainda se vai criar um tipo de quarentena de período de carência para esses autores que submetem e publicam o trabalho, então esses, por exemplo, não podem submeter em tanto tempo, a gente não faz isso. Mas como a gente tem uma intenção agora para o próximo ano

de aumentar a periodicidade da revista, ou seja, de torná-la bimensal e não trimestral como era nesse momento, então isso vai diminuir o tempo de espera, porque a gente vai manter o mesmo critério de intervalo, como tem mais intervalos digamos assim, há maior possibilidade de um artigo ser submetido no mesmo ano e inclusive ser publicado no mesmo ano. Então a gente não decidiu ainda em função dessa futura mudança de periodicidade que nós estamos estudando realizar.

C.M. – Alguma restrição para membros do Conselho Editorial, dos editores e a equipe de trabalho?

J.B. – Há restrições em função dos critérios dos indexadores e da avaliação das comissões Qualis Capes, que é evitar a endogenia. Por exemplo, a RBCE não publicou até hoje trabalho dos seus editores desde que nós assumimos, mas nós estamos revendo isso nesse momento, em função de um possível prejuízo que os editores têm de não poder publicar na revista. Até a última, até 2000, nós estamos, é a segunda gestão do Leonardo<sup>14</sup>, a primeira gestão foi 2010...

C.M. – 2009 a 2011.

J.B. – 2009-2011, durante, até essa gestão, até 2010, nem os membros da DN, da Direção Nacional do CBCE publicavam. A partir de 2010 isso foi revisto, de novo era um prejuízo para esses pesquisadores que assumiam papéis de gestão da pesquisa e não eram devidamente valorizados pelas agências de fomento e pelos programas de Pós-graduação por essas tarefas e pediam duplamente, porque destinavam parte do seu tempo para essa atividade fundamental e ainda não podiam publicar em uma das revistas da área, que não são muitas, então agora a gente tá revendo isso, mas o critério é trinta por cento, até trinta por cento dos autores do Comitê Editorial e da editoria da revista, poderão publicar a partir de agora.

C.M. – Tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar de falar?

---

<sup>14</sup> Leonardo Alexandre Peyré Tartaruga, presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

J.B. – O que eu gostaria de dizer é que eu não sou um editor profissional digamos assim, eu estou editor e provavelmente não continuarei muito mais tempo nessa tarefa. Aprendi muito, muito, nesse processo, foi uma experiência fundamental para mim, como um pesquisador, entender como funciona uma revista por dentro, vamos dizer assim, entender os bastidores da veiculação do conhecimento científico que foi fundamental, entender melhor como os periódicos são ranqueados, avaliados, também foi fundamental e poder contribuir nesse aumento de qualidade que a RBCE teve nesses anos sobre a nossa gestão de editores. E também gostaria de destacar a confiança da área como um todo, e sobretudo do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte no nosso trabalho, essa confiança me parece que foi conquistada, a partir daquilo que a gente tem feito na revista. Então nesses, desde 2007 a revista aumentou a sua periodicidade, passou a ser publicada no formato digital online, melhorou a sua qualificação no sistema Qualis Capes. Quer dizer, esses indicadores também refletem uma maior confiança que a área deposita no nosso trabalho e isso se reflete também em uma maior confiança junto ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte com os seus associados, sobretudo com a direção do Colégio. Isso permite também, a partir dessa confiança e dessa relação que se estabeleceu, um trabalho mais conjunto, mais aberto, mais franco, sem tantos melindres e que é relativamente típico do universo acadêmico toda essa, não digo tipo uma encenação, nada disso. Mas essa postura defensiva, de não revelar tudo, de não dizer tudo porque pode, não quer guardar alguns elementos do jogo, enfim, mas isso se reflete, portanto nessa relação que a gente tem tido esse apoio incondicional da Direção Nacional do CBCE e dos seus associados para o desenvolvimento desse trabalho. Então basicamente é isso que eu destacaria, como palavras finais.

C.M. – Obrigada, por todo tempo.

J.B. – Não, imagina, eu que agradeço.

C.M. – A gente agradece bastante.

J.B. – A gente agradece, até queria também agradecer, se me permite, a Ivone Job que tem sido colaboradora das revistas da área. Eu sei, porque eu conversei com outra editora aqui no evento e ela me falou da generosidade, da disponibilidade da Ivone em colaborar com



informações, com dicas, com procedimentos, com consultoria, então sempre que a gente tem uma dúvida, a gente escreve para a Movimento, como um todo, e para a Ivone em específico e também porque reconhece o papel que ela tem, importante no campo, na área. E acho fundamental que ela desenvolva uma pesquisa dessa natureza, sobre os editores de periódicos científicos da área. Então um agradecimento público a ela por isso e dizer isso, que esse inclusive é o tema do nosso último editorial, um dos pontos que a gente abordou quer dizer, os periódicos científicos da área são os nossos parceiros, eles não são nossos adversários, porque se a gente for entrar nessa lógica de autofagia, porque é um processo de autofagia, porque nós estamos matando a nós mesmos digamos assim. Essa lógica de competição de um periódico da área com outro, isso é extremamente insalubre, vamos dizer assim, para a área como um todo e profundamente prejudicial.

C.M. – Então, muito obrigada!

[FINAL DO DEPOIMENTO]